

Boa Nova



COMUNIDADE PAROQUIAL DA REBOLEIRA

21 JUNHO 2020 – N.º 696

Sugestões de Cânticos

XIII Domingo do Tempo Comum

Entrada

Louvai, louvai o Senhor
CPD.269

Apresentação dos Dons

Meu Deus, na simplicidade
CPD.28

Depois da Comunhão

Vós que fostes baptizados
NCT.371

Final

Se alguém quiser
CEC.II.109

Horários

Celebrações Litúrgicas

- Sábado: 19,00h.
- Domingo: às 09,30h.
e às 11,00h.

Estamos a viver um tempo especial com constrangimentos devido à pandemia. Por este motivo, as actividades pastorais e outros actos de culto serão retomados a seu tempo.



**PARÓQUIA DE
NOSSA SENHORA
DA BOA NOVA**

LARGO DA IGREJA
2720-296 AMADORA
TELF.: 21 495 33 61

www.paroquia-reboleira.pt
paroquia.reboleira@gmail.com

Se desejar receber o boletim por e-mail
faça o seu pedido para:
paroquia.reboleira@gmail.com

A Palavra

Ano A - XIII Domingo do Tempo Comum – 28 de Junho

Primeira Leitura – Profeta – 2.º Livro dos Reis 4,8-11.14-16ª.

Segunda Leitura – Apóstolo – Carta de São Paulo aos Romanos 6,3-4.8-11.

Evangelho – São Mateus 10,37-42:

Naquele tempo, disse Jesus aos seus apóstolos: "Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim. Quem não toma a sua cruz para Me seguir, não é digno de Mim. Quem encontrar a sua vida há-de perdê-la; e quem perder a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la. Quem vos recebe, a Mim recebe; e quem Me recebe, recebe Aquele que Me enviou. Quem recebe um profeta por ele ser profeta, receberá a recompensa de profeta; e quem recebe um justo por ele ser justo, receberá a recompensa de justo. E se alguém der de beber, nem que seja um copo de água fresca, a um destes pequeninos, por ele ser meu discípulo, em verdade vos digo: não perderá a sua recompensa".

A Bíblia

668. Segundo o Evangelho de São Mateus, de quem era filho o Apóstolo de nome Tiago que não era irmão de nenhum outro?

SOLUÇÃO - 667. "O Senhor é meu estandarte" (Ex 17,15).

A Testemunha

DEUS É CARIDADE – Carta Encíclica do Papa Bento XVI

A Igreja não pode nem deve tomar nas suas próprias mãos a batalha política para realizar a sociedade mais justa possível. Não pode nem deve colocar-se no lugar do Estado. Mas também não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça. Deve inserir-se nela pela via da argumentação racional e deve despertar as forças espirituais, sem as quais a justiça, que sempre requer renúncias também, não poderá afirmar-se nem prosperar. A sociedade justa não pode ser obra da Igreja; deve ser realizada pela política. Mas toca à Igreja, e profundamente, o empenhar-se pela justiça trabalhando para a abertura da inteligência e da vontade às exigências do bem. O amor — caritas — será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa. Não há qualquer ordenamento estatal justo que possa tornar supérfluo o serviço do amor. Quem quer desfazer-se do amor, prepara-se para se desfazer do homem enquanto homem. Sempre haverá sofrimento que necessita de consolação e ajuda. Haverá sempre solidão. Existirão sempre também situações de necessidade material, para as quais é indispensável uma ajuda na linha de um amor concreto ao próximo. Um Estado, que queira prover a tudo e tudo açambarque, torna-se no fim de contas uma instância burocrática, que não pode assegurar o essencial de que o homem sofre — todo o homem — tem necessidade: a amorosa dedicação pessoal. Não precisamos de um Estado que regule e domine tudo, mas de um Estado que generosamente reconheça e apoie, segundo o princípio de subsidiariedade, as iniciativas que nascem das diversas forças sociais e conjugam espontaneidade e proximidade aos homens carecidos de ajuda. A Igreja é uma destas forças vivas: nela pulsa a dinâmica do amor suscitado pelo Espírito de Cristo. Este amor não oferece aos homens apenas uma ajuda material, mas também refrigério e cuidado para a alma — ajuda esta muitas vezes mais necessária que o apoio material. A afirmação de que as estruturas justas tornariam supérfluas as obras de caridade esconde, de facto, uma concepção materialista do homem: o preconceito segundo o qual o homem viveria «só de pão» (Mt 4, 4; cf. Dt 8, 3) — convicção que humilha o homem e ignora precisamente aquilo que é mais especificamente humano.

XII Domingo do Tempo Comum

1ª Leitura – Profeta - Livro de Jeremias 20, 10-13

“Senhor do Universo, que experimentais o justo e penetrais os sentimentos e o coração”.

2ª Leitura – Apóstolo – Carta aos Romanos 5, 12-15

“Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte”.

Evangelho – São Mateus 10, 26-33

“Não temais os que matam o corpo e não podem matar a a alma.”



Celebramos o décimo segundo Domingo do Tempo Comum.

As perseguições e as dificuldades da vida de cada cristão fazem parte da missão e do testemunho em nome de Jesus; fazem parte da história da Igreja desde os primeiros séculos. Daí, não serem de estranhar também nos nossos dias.

A primeira leitura – do Livro de Jeremias – manifesta a confiança do profeta em Deus. Aquele que não desiste de Deus, de cumprir a sua missão, mesmo no meio dos perigos iminentes, acaba sempre por vencer e louvar a Deus pelos benefícios recebidos. Deus está sempre ao lado dos mais frágeis.

Na segunda leitura – da Carta de São Paulo aos Romanos –, Jesus Cristo é apresentado como o único responsável por todos nós. Perante a culpa de quem primeiro pecou, Jesus, apenas por amor, de forma gratuita, concedeu a abundância da sua graça, distante da Antiga Lei, um projecto sem futuro.

A leitura do evangelho de São Mateus enaltece a acção de Deus em favor dos que apostam, sem qualquer receio, em serem confessores e mártires da sua mensagem. Tudo está ao alcance da protecção e do conhecimento de Deus. Cabe a cada um de nós corresponder à vontade divina testemunhando a sua presença no mundo.

Lectio Divina



Leitura Orante

1.ª Leitura – Senhor Deus, muitas são as contrariedades na minha vida. Que eu me conserve sempre fiel a Ti, tanto no meio das minhas dificuldades interiores como das exteriores. Tantas vezes eu sou o maior inimigo de mim mesmo. Não sou capaz de uma coerência de vida que afaste os desequilíbrios do meu pobre carácter.

2.ª Leitura – Senhor Jesus, Tu és o nosso Salvador, Aquele que se entregou à morte para destruir a morte do pecado. Nós Te louvamos, ó Senhor, porque nos amaste até ao fim. Quiseste ser como um de nós para substituíres o homem pecador figurado em Adão. Em Ti, foi criada uma nova humanidade, fruto do teu amor.

Evangelho – Senhor Jesus, Tu vieste de Deus para Te encontrares com toda a humanidade. Não temos possibilidade de alcançar, no amor e na compreensão, o Infinito de Deus, que Tu és, a Quem nada escapa num conhecimento sem fim. Daí, a nossa oração insistente para que não nos afastemos de Ti. Só Tu nos proteges, só Tu nos conheces, mais do que nós mesmos conhecemos. És Tu Quem nos assiste perante os perigos que nós próprios criamos, perante o medo ameaçador deste mundo. Guarda-nos, Senhor, no teu amor e na tua misericórdia.

Em Cristo nosso Senhor. / Ámen.